

Descobertas da Ciência III

(julho 1938 – outubro 1939)

Nossa ciência é um sumário frio e breve
que corta em fórmulas o Todo vivo.
Ela tem cérebro e cabeça, mas não uma alma:
Ela vê todas as coisas em relevo esculpido para fora.

Mas como sem suas profundezas pode o mundo ser conhecido?
O visível tem suas raízes no não-visto
E cada invisível esconde o que ele pode significar
Em um invisível ainda mais profundo, não revelado.

Os objetos que vocês examinam não são suas formas.
Cada um é uma massa de forças lançadas em um molde.
Capturadas as forças, suas linhas interiores escapam
Em uma consciência insondável mais além das normas mentais.

Sonde-a e você encontrará um Ser imóvel
Infinito, sem nome, mudo, incognoscível.

CARTAS I

Letters on Yoga, vol. 24 ed. cent. p.1246

O problema é que as pessoas não se dão ao trabalho de ver se seu intelecto lhes dá os pensamentos justos, as conclusões justas, a visão justa sobre as coisas e os outros, as indicações justas sobre sua conduta ou sua linha de ação.

Elas têm sua ideia e a consideram como uma verdade ou a seguem simplesmente porque é sua ideia.

Mesmo quando reconhecem que cometeram erros mentais, elas não dão nenhuma importância a isso, nem tampouco tentam ser mentalmente mais cuidadosas do que antes.

No campo vital, as pessoas sabem que não devem seguir seus desejos ou seus impulsos sem exame ou sem controle, sabem que devem ter uma consciência ou um sentido moral que discrimine entre aquilo que devem fazer e aquilo que não podem ou não devem fazer;

no campo intelectual, as pessoas não têm esse cuidado.

Pretende-se que elas sigam seu intelecto, tenham e afirmem suas próprias ideias, justas ou falsas, sem nenhum controle;

o intelecto, se diz, é o instrumento mais elevado do ser humano e que ele deve pensar e agir conforme às ideias que o intelecto lhe dita.

Mas isso não é verdade;

o intelecto necessita uma luz interior para guiá-lo, examiná-lo, controlá-lo, do mesmo modo que o vital.

Há algo acima do intelecto que deve ser descoberto,

e o intelecto deve ser apenas um intermediário para a ação dessa fonte de verdadeiro conhecimento.

CARTAS II

Letters on Yoga, vol. 24 ed. cent. p.1246

É assim que as coisas vêm, só que não prestamos atenção.

Os pensamentos, as ideias, as invenções afortunadas, etc., etc., estão sempre vagando por aí (em ondas de pensamento ou de outro modo), em busca de uma mente que possa lhes dar corpo.

Uma mente pega, os olha, os rejeita

– uma outra os pega, os examina e os aceita.

Duas mentes diferentes capturam a mesma forma ou onda de pensamento, mas como as atividades mentais são diferentes, os resultados obtidos a partir dessas ondas são diferentes.

Ou essa forma, essa onda de pensamento vem a alguém que não faz nada delas;

então, ela se distancia dizendo: “como esse animal humano está mal preparado!”

e dirige-se a outro que a acolhe de braços abertos;

ela se instala nele e por meio dele se expressa em um feliz borbulhamento da inspiração, da iluminação ou do entusiasmo de uma criação ou de uma descoberta original, e o recipiente exclama com orgulho:

“Eu, eu fiz isso”.

O ego, senhor, o ego!

Você é o recipiente, aquele que recebe o pensamento e o põe em forma, se preferir – mas nada mais.